

Os dispositivos comunicacionais em “O Diário de Anne Frank”

Resumo

Este texto analisa “O Diário de Anne Frank” a partir de um olhar acerca dos dispositivos comunicacionais presentes no livro. O objetivo é entender, segundo relatos da autora, como ela se comunicava com a realidade que a cercava - ser uma judia se escondendo na Holanda nazista. Para tal, foram analisadas as passagens escritas entre 1942 e 1944. Observou-se a existência de um universo comunicacional complexo, que envolve passado, presente, futuro e todos os sujeitos, relações e circunstâncias inclusas. Além disso, o documento retrata o processo maturacional de uma mulher, evidenciando suas relações com a realidade ao redor e a maneira como a protagonista a via - e como se via a partir disso.

Palavras-chave: Comunicação. Diário. Escrita de Si. Anne Frank. Segunda Guerra Mundial. Holocausto.

Introdução

Este artigo aborda alguns aspectos do Diário de Anne Frank, escrito entre 1942 e 1944 em Amsterdã, Holanda, onde a jovem judia se escondeu, juntamente com a família, em um anexo secreto no edifício da empresa em que seu pai Otto trabalhava. Documento histórico, o livro se tornou, juntamente com sua autora, um símbolo do Holocausto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Diários podem ser definidos como relatos autobiográficos, um modo de documentar aspectos privados da vida do autor. A partir de um diário é possível observar as experiências do cotidiano de quem o mantém, considerando o contexto em que os fatos documentados se desenrolam (Zaccarelli; Godoy, 2010). Por outro lado, é preciso levar em conta o distanciamento entre a pessoa real e a persona literária, na medida em que o diário passou por diversas edições. Nesta pesquisa, o foco da pesquisa são as questões de identidade e a escrita de si, indicando como Anne Frank se constrói a partir de seu diário, como se comunica nele e com ele, tratando-o como amiga muito próxima, à qual dá o nome de “Kitty”, antropomorfizando as folhas do caderno vermelho e bege em que escreve sua relação com sua família, companheiros de esconderijo, com a guerra, o holocausto, e principalmente, consigo mesma. Mas também como o Diário ainda se comunica com o público depois de décadas desde sua primeira publicação, 1947, por ocupar um “lugar de observação” (BRAGA, 2011) do contexto mundial da época e da vida de Anne, oferecendo um

testemunho. A análise será feita a partir dos seguintes tópicos: O Diário e sua história, A relação de Anne consigo mesma, A relação de Anne com seu corpo, casa e objetos, A relação de Anne com os membros do Anexo e Anne Frank segundo Anne Frank.

1. O Diário e sua história

Décadas depois de sua publicação, o Diário de Anne Frank ainda é relevante. Já foi alvo de polêmicas quanto a autenticidade dos textos na década de 1950, logo após publicado, resolvidas quando o Instituto Holandês de Documentação de Guerra submeteu todos os escritos de Anne a uma investigação forense, que comprovou a autenticidade dos documentos (GIES MIEP, , pg.207).

Segundo a matéria do The New York Times, “Recalling Anne Frank, as Icon and Human Being”, publicada em 2014, foram vendidos mais de 35 milhões exemplares da obra, publicada em 65 idiomas, sendo o livro holandês mais traduzido de todos os tempos.

Além disso, vem sendo adaptado para diversas plataformas. Ainda na em 1955, a história de Anne Frank foi transformada em uma peça da Broadway, ganhadora dos prêmios Pulitzer e Tony. Em 1959, foi para o cinema pela primeira vez – mais quatro adaptações em forma de anime, “Anne no Nikki”, filmes e documentários se seguiram a esta. Existe uma biografia ilustrada e em 2017 o “Diário” ganhou uma versão em quadrinhos, que será transformada pelo diretor Ari Folman, que também participou da HQ, em um longa metragem animado. Em 2020, o canal do YouTube “Anne Frank House” postou o primeiro episódio de uma série de *vlogs*, diário em vídeo, onde há a releitura do diário de Anne Frank em formato de vídeos, gravados por uma atriz que representa a autora.

Durante os anos, mais livros baseados no diário e na vida de sua escritora foram publicados, como “Recordando Anne Frank: A história contada pela mulher que desafiou o nazismo escondendo a família Frank”, de Miep Gies, que ajudou a família Frank durante o período de isolamento, “A História da Família de Anne Frank”, de Mirjam Pressler e “O Anexo - A Incrível História do Garoto Que Amava Anne Frank”, de Sharon Dogar. Em 1957 foi criada a Fundação Anne Frank, com o objetivo de preservar a casa onde ela se escondeu. Transformado em museu, é aberto ao público desde 1960, e recebe cerca de 1,2 milhão de visitantes ao ano. Assim, a história de Anne é constantemente reavivada, em consequência da repercussão que teve e da força que ainda tem.

A pesquisa sobre os dispositivos comunicacionais presentes no Diário levará em conta o contexto em que o Diário foi escrito, lendo-o sob o ponto de vista de uma observadora, notando como Anne Frank se constrói e traduz o mundo que se desenrola a sua volta. Nesse artigo, não irei considerar as diferenças entre edições, mas sim entre as versões.

Para nortear a discussão, será usada a chamada “Edição definitiva”, ou versão D, feita por Otto H. Frank, pai de Anne, e Mirjam Pressler, do Diário de Anne Frank. Também buscarei apoio no site oficial da Fundação Anne Frank e em autores como Maurice Blanchot e James e Skinner.

2. O impacto das versões de “O Diário de Anne Frank” no documento e o significado de diário

Dispostos nas prateleiras de livrarias ou nas estantes virtuais de livros, leitores irão se deparar com muitos “diários de Anne Frank”. Diferentes capas, quantidade de páginas e particularizações rotulam as versões da obra: “Edição definitiva”, “Edição Crítica” e “Obra reunida” são algumas das determinações usadas a fim de especificar as muitas edições de “O Diário de Anne Frank”, que existem como consequência das quatro versões do livro: *a*, *b*, *c* e *d* —em minha análise, abordarei apenas as versões do diário e o que elas significam, não as diferentes edições.

The Diary of Anne Frank: The Critical Edition (1989) é reconhecida como versão *a*, composta pelos escritos brutos da jovem, o primeiro diário de Anne, que começou a escrever aos 13 anos. Seus textos originais e sem cortes o distingue do segundo diário, ou versão *b*, com alterações feitas pela própria autora em 1944, motivada por uma transmissão radiofônica da *Radio Oranje*, um programa noturno da BBC transmitido de Londres para a Holanda durante 15 minutos, no qual o membro da *Liga Democrática do Pensamento Livre* e político holandês no exílio, Gerrit Bolkestein, anunciou aos ouvintes que após o fim da guerra pretendia recolher todos os testemunhos do sofrimento causado pela ocupação nazista ao povo holandês e publicá-los.

Anne menciona em inúmeras passagens o desejo por ser escritora e gravar sua mensagem na história (FRANK, 2014, p.306): “Quero continuar vivendo depois da morte! E é por isso que agradeço tanto a Deus por ter me dado esse dom [...] Quando escrevo, consigo afastar todas as preocupações [...] Mas — e esta é uma grande questão—será que conseguirei escrever alguma coisa importante, será que me tornarei jornalista ou escritora?”.

Anne, após ouvir o pronunciamento pelo rádio, começa a revisar seus textos da citada como versão *a*, tendo em mente transformá-los em um romance de nome “*Het Achterhuis*” ou, traduzido do holandês, “O Anexo Secreto”. Este título pensado por Anne Frank foi mantido por seu pai, Otto Frank, ao publicar o diário pela primeira vez, após muita deliberação, em 1947, como a conhecida versão *c*. Com o objetivo de realizar o desejo da filha de mostrar sua história ao mundo, Otto selecionou materiais das versões *a* e *b* para obter um material mais conciso e de certa forma adequado à época.

O livro tinha de ser curto, a fim de se encaixar em uma coleção específica. Passagens sobre a relação de Anne com a sexualidade foram retiradas da versão *c*: em 1947 não se tratava de questões sexuais de maneira tão aberta, principalmente quando o conteúdo seria consumido por jovens. Otto Frank também decidiu retirar trechos em que a filha falava sobre seus sentimentos mais polêmicos sobre sua mãe, Edith Frank, e sobre os outros sete moradores do Anexo Secreto onde se escondiam.

Após a morte de Otto, em 1980, os manuscritos do diário de Anne foram deixados para o Instituto Estatal Holandês para Documentação de Guerra, em Amsterdã, que mandou fazer uma investigação no diário publicado - sua autenticidade do diário era questionada desde sua primeira publicação, mas foi considerado autêntico e publicado na íntegra, incluindo estudos ao redor da obra, em 1986, sob o nome *The Critical Edition*. A publicação contém as versões *a*, *b* e *c*, juntamente com artigos tratando do passado da família Frank, sua captura e o exame da caligrafia de Anne.

A única herdeira de Otto Frank foi a Anne Frank-Fonds Basel (Fundação Anne Frank), na Basileia, Suíça, que também recebeu os direitos autorais de sua filha e optou por publicar uma edição ampliada do diário, acrescentando à seleção original de Otto Frank trechos das versões *a* e *b*. A escritora e tradutora alemã Mirjam Pressler ficou a cargo desta versão (*d*) aprovada pela Fundação Anne Frank, com cerca de trinta por cento de acréscimos.

Em 1998, houve a descoberta de mais cinco páginas antes desconhecidas do diário. Após o aval da Fundação Anne Frank, uma passagem do dia 8 de fevereiro de 1944 foi acrescentada ao final da anotação já conhecida daquela data.

Para o fim da análise, usarei a *Edição Definitiva* de “O Diário de Anne Frank” da Editora Record de 2014, baseada em grande parte na versão *b* do diário de Anne, que ela escreveu quando tinha cerca de 15 anos de idade. A escritora, por vezes, voltava em algumas passagens e as comentava, o que permite observar também seu processo de maturação. O texto nessa edição foi preservado como Anne o redigiu, afora erros de grafia e linguagem.

Ao escrever a versão *b*, Anne criou pseudônimos para os moradores do Anexo. Otto optou por expor os nomes dos membros da família Frank, mas acatou a vontade da filha sobre os demais. Na edição em que me basearei, as pessoas que ajudaram os membros do Anexo Secreto receberam seus nomes verdadeiros, mas os outros quatro moradores do esconderijo continuaram com os pseudônimos dados por Anne.

No anúncio, Gerrit Bolkestein se referia especificamente ao interesse em cartas e diários. A fim de entender mais o interesse do político holandês nesse escritos, vale delinear alguns aspectos do que é um diário, assim como o processo de edição e o que as quatro versões significam para “O Diário de Anne Frank”.

Maurice Blanchot (2005,p.270), em "O livro por vir", explica de maneira quase poética que:

O diário íntimo, que parece tão livre de forma, tão dócil aos movimentos da vida e capaz de todas as liberdades' já que pensamentos, sonhos, ficções, comentários de si mesmo, acontecimentos importantes, insignificantes, tudo lhe convém, na ordem e na desordem que se quiser, é submetido a uma cláusula aparentemente leve, mas perigosa: deve respeitar o calendário.

Michele Senay (1997) usa o mesmo argumento para diferenciar o diário de outros gêneros similares: “um diário se escreve com o passar do tempo; é muito diferente de todas as autobiografias, memórias e outros parentes próximos do gênero”.

Em “O livro por vir”, Blanchot (2005, p.273) diz que o interesse do diário reside em sua aparente insignificância. Se reportar às folhas em branco diariamente a fim de lembrar a si mesmo das experiências vividas, escapando do silêncio e preservando os dias como que em uma fotografia. Sobre a prática, o autor brinca: “protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer [a partir da escrita de um diário]. ‘Prendamos com alfinetes nossos tesouros’, diz horrorosamente Barres”

Blanchot (2004, p.270) também afirma que “Ninguém deve ser mais sincero do que o autor de um diário, e a sinceridade é a transparência que lhe permite não lançar sombras sobre a existência confinada de cada dia, à qual ele limita o cuidado da escrita”. Partindo da pressuposição de que a realidade posta nas página pelo autor é verdadeira em toda a sua subjetividade, uma vez que um diário implica na revelação de uma verdade própria e, portanto, sincera para quem a escreve, pode-se discutir as versões de “O Diário de Anne Frank”.

Após o Diário ter sido negado por diversas editoras, a situação mudou. Jan Romein, intelectual holandês que havia lido o diário datilografado, escreveu sobre o livro no jornal *Het Parool*. Romein escreveu de maneira apaixonada sobre a obra de Anne Frank, exaltando o talento da menina para com as palavras e pontuando a importância do relato. Para ele, o Diário era uma denúncia à barbaridade do fascismo.

Depois do ensaio publicado, várias editoras contataram Otto Frank, interessadas no diário. O diretor administrativo da editora Contact, em Amsterdã, demonstrou interesse pelo livro, mas fez objeção às passagens relacionadas à sexualidade e ao modo com que Anne falava sobre seu corpo. Otto concordou com a omissão do conteúdo; foi então que surgiu a versão *c* do texto, — um livro, não um diário, pois o último não seria editado a não ser pelo próprio autor. A versão *c* perde o caráter de documento histórico — primeira publicada e que promoveu a popularidade da obra.

Frank apresenta uma Anne Frank mais “amável” —limpa das críticas ácidas, impaciências, temperamento forte e sentimentos extremos em relação a sua mãe— do que a original. Porém, ao cortar essas passagens que demonstram, tal qual todas as outras, a personalidade da verdadeira Anne que tinha uma visão complexa e madura de questões políticas, históricas e humanas, Otto resumiu a filha a uma adolescente alegre e espreitada.

Fez parte do processo de amadurecimento de Anne Frank sua relação com as descobertas do corpo humano, com sua sexualidade, com a curiosidade sobre o ato sexual em si, seus sentimentos direcionados aos parentes e colegas mais próximos e com o relacionamento que cada um desses tinha entre si. Cortar tais passagens é cortar Anne Frank, visto que a única maneira pela qual ela ainda vive são as palavras que deixou. O mundo a conhece apenas por seu diário; se a real Anne não estiver transcrita ali, o mundo não a conhece como pensava.

Isso leva a outra situação. No livro “Anne Frank: a história do diário de comoveu o mundo” (PROSE FRANCINE, 2010) a autora introduz uma explicação de Laureen Nussbaum, conhecida de longa data da família Frank e especialista no diário, sobre a versão *b*: “Ela [Anne] suprimiu completamente alguns registros, revisou outros, acrescentou novas descrições, percepções e conexões de pensamento, e assim, criou um texto altamente interessante e legível”.

Ainda segundo a obra citada há a seguinte questão levantada por Nussbaum: o rascunho revisado por Anne, *b*, nunca foi publicado como um volume independente, único. “A edição definitiva de 1995, comentou Nussbaum, apenas turvou ainda mais as águas, já que muitos dos cortes que restaurou (as reflexões de Anne sobre sua sexualidade e suas

explosões de raiva com a mãe) eram seções que a própria Anne havia retirado do livro que desejava publicar.”

“Ao mesmo tempo, parecia uma injustiça contra Anne Frank como escritora ignorar o que os rascunhos variantes fornecem: evidências de seu processo criativo, seus dons para a revisão, suas primeiras ideias e suas reconsiderações sobre como queria retratar a si mesma e aqueles que a cercavam.”

O que Anne queria oferecer ao mundo ao reescrever em 1944 o seu diário original, era a honestidade de sua persona literária, —de certo modo, uma "versão b" de Anne Frank, traduzida nas páginas do diário— com suas experiências e pensamentos modificados por ela própria para se adequarem ao seu processo de amadurecer. O que a versão *c* quis mostrar ao mundo foi a Anne Frank que seu pai queria que os outros conhecessem. O que a versão *d*, ou “definitiva” —visto que é difícil rotular qualquer versão do diário como definitiva, uma vez que ele já passou por inúmeras edições e é sempre possível que novo material seja descoberto— quis apresentar foi a Anne Frank da maneira mais próxima de sua pessoa, não *persona*, possível.

É provável que essa revelação de alguns escritos brutos tenha ido contra a vontade de Anne, mas essa noção das mudanças que ela fez em seus textos oferece ao leitor e principalmente ao estudioso da obra uma visão muito importante do efeito que os anos em confinamento surtiu em Anne Frank e do que a escrita de si mesma significou para a garota.

Estudos baseados em diários são muito diferentes daqueles fundados sobre outros tipos de documento, uma vez que as palavras são completamente parciais ao autor, sendo o mundo visto através dos olhos do diarista. Nesse artigo, a análise do diário não recairá na guerra, mas sobre a escritora, que estava inserida no contexto da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto e do antissemitismo. Me pautarei em como Anne Frank se expressava através dele e como ele acompanhou e fez parte do seu processo de crescimento —como mulher e como escritora.

3. A escrita de si mesma e a Anne que viu a escrita de um diário íntimo como necessidade e a construção de si mesma

“Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (FRANK, 2014, p.19)

Para Blanchot (2005), o diário está ligado a uma “estranha convicção” de que a partir dele o autor pode se observar e conhecer. Assim, um diário permite que, ali, o escritor tenha

um baú de memórias, uma experiência de autocompreensão, autoconstrução ao longo das datas preenchidas, auto narração e autodescoberta. A cada dia o diarista entende mais sobre si e coloca os seus pensamentos e vivências no papel com mais fluidez e consciência.

É importante ressaltar que tamanha liberdade é possível justamente porque estamos falando sobre diários íntimos, caracterizados pela liberdade confidente que o escritor deposita neles. A escrita de si mesmo no contexto de diário íntimo é exprimir-se com a maior liberdade possível, sem publicar as páginas escritas.

Segundo Blanchot (2005, p.274), o ato de escrever também se dá com o intuito de salvar a vida pela escrita: “para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar, e então se escreve para não se perder na pobreza dos dias” [...].

Anne Frank escreveu para se colocar no mundo a partir de sua visão, não se perder entre os dias que transcorriam tão similares entre si “essa existência cansativa começa a transformar todos nós em pessoas desagradáveis” (FRANK, 2014, p. 267) e, principalmente, para não se perder dela mesma em meio a desumanização dos judeus, proposta pela ideologia nazista.

“Chegará a hora em que seremos gente de novo, e não somente judeus!” (FRANK, 2014,, p.27). Isolados de tudo que pudesse ser parte de uma vida normal, os judeus na Segunda Guerra Mundial eram presos em guetos, esconderijos ou nos campos de concentração. Neste contexto, Anne chama as pessoas que podiam sentir a liberdade, de “pessoas comuns”, “pessoas normais” e afins. Para se agarrar a algum senso de normalidade e de aproximação de quem ela realmente era, não apenas judia, Anne Frank escreveu de 12 de junho de 1942 até 1 de agosto de 1944, um diário em forma de cartas para uma “amiga”.

A ambição de eternizar os belos momentos e mesmo de fazer da vida toda um bloco sólido que se pode abraçar com firmeza, enfim a esperança de, unindo a insignificância da vida com a inexistência da obra, elevar a vida nula à bela surpresa da arte, e a arte informe à verdade única da vida, o entrelaçamento de todos esses motivos faz do diário uma empresa de salvação (BLANCHOT, p. 2005).

A autora se via como uma menina muito diferente da que pensava ser vista pelos outros. Segundo Anne, ela era sozinha. “Não; aparentemente parece que tenho tudo, exceto um único amigo de verdade” (2014). Essa necessidade é a motivação inicial de Anne Frank para começar a escrever um diário, que até o dia 20 de junho de 1942, era um “alguém sem nome”. Desde a primeira anotação, Anne conversava com o caderno, chamando-o de “você”,

interando as páginas sobre sua vida tal qual faria com uma amiga de carne e osso. Até que uma reflexão maior fez Anne ver o diário com outros olhos.

A autora abriu as anotações do dia 20 de junho de 1942 dizendo que sua vontade de escrever vem da necessidade de desabafar o que está preso no peito. Essa razão, somada ao fato de que não planejava deixar que ninguém mais lesse o diário, “a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo”, leva à sobre o que a levou a compartilhar sua vida com o caderno de capa dura, vermelho e bege: “Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo”.

Segundo Anne, sua relação com as amigas era motivada apenas pela diversão, sem profundidade ou intimidade maior. Sua reflexão a leva até “Kitty”. “Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há muito tempo esperada, não quero anotar neste diário fatos banais do jeito que a maioria faz; quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar esta amiga de *Kitty*”.

Mas a inclusão de uma única “ouvinte” só se deu após a revisão do diário feita por Anne (versão B). Antes, ela endereçava seus textos a amigas – reais e imaginárias – , mantendo uma correspondência unilateral. Em setembro de 1942, durante um período, algumas cartas tinham como remetentes as personagens de uma série de livros da qual Frank gostava: Joop ter Heul, de Cissy van Marxveldt. Porém, quando decidiu revisar seu diário, Anne cortou ou alterou essas entradas, substituindo todos os nomes de remetentes por *Kitty*, também heroína de van Marxveldt. *Kitty* permitiu que a escritora se aproximasse de seu futuro público, por ter de alguma forma materializado uma figura em quem confiava.

À nova amiga, Anne conta toda a sua história de vida até aquele instante. Após apresentar *Kitty* à Anne Frank, a autora coloca um ponto final ao “diário sem nome”. “Nós quatro ainda estamos bem, e isso me traz à data atual de 20 de junho de 1942, e à inauguração solene de meu diário”, encerra a passagem.

Para então acrescentar, durante suas revisões do diário, uma outra no mesmo dia (PROSE, 2010, p.43), estabelecendo o remetente. “Sábado, 20 de junho de 1942. Querida Kitty!”, contando mais detalhes sobre sua vida e finalizando com, “Aí está você. Agora estabelecemos as bases da nossa amizade. Até amanhã”. É como se Anne tivesse finalmente conseguido preencher, de alguma forma, a necessidade e desejo de intimidade que tinha.

A destinatária era um artifício de sua escrita, mas também uma espécie de “amiga imaginária literária”. A relação com amigos imaginários pode atuar de modo muito similar às amizades reais (Gleason, 2002; Gleason; Sebanc; Hartup, 2000), não insinuando que Anne Frank tinha uma amiga imaginária de nome *Kitty*, mas quem sabe esta personagem criada por

Anne e que habitava as páginas de diário fizesse o papel de uma amiga imaginária quando a autora abria seu caderno.

4. A relação de Anne consigo mesma

1. Anne versão A e B: o crescimento de Anne Frank

“O leitor pode ter em mente que boa parte desta edição se baseia na versão *b* do diário de Anne, que ela escreveu com cerca de 15 anos. Às vezes, Anne voltava e comentava uma passagem que escrevera antes” (2014, pg.15).

No prefácio da edição de “O Diário de Anne Frank” usada para este artigo, algumas partes que Anne comentou foram identificadas em itálico e com a data em que ela estava voltando àquela entrada, porque a autora deixou essa especificação. As outras passagens alteradas não têm marcação, pois Anne provavelmente não deixou nenhuma. Esses comentários que estão evidentes ao longo do texto são evidências do processo de crescimento de Anne Frank. Como um feito em 22 de janeiro de 1944, referente ao dia 2 de novembro de 1942, quando ela comentava sobre “suas regras”, como ela chamava a menstruação.

Eu não seria mais capaz de escrever esse tipo de coisa. Agora que estou relendo meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com a minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderia ser tão inocente de novo, por mais que quisesse. Entendo as mudanças de humor e os comentários sobre Margot, mamãe e papai como se tivesse escrito isso somente ontem, mas não consigo pensar em escrever tão abertamente sobre outras coisas. Fico tremendamente constrangida ao ler as páginas que falam sobre assuntos que foram muito melhores do que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas.

Aqui, Anne diz haver alguns aspectos de sua "Eu" um ano e meio mais nova que permanecem verdadeiros em 1944. Sua relação com a mãe e opiniões sobre Margot, sua irmã, e o pai, assim como o constante desejo de sentir confiança, amor e afeto físico ainda estão presentes, e permanecem até sua última anotação — mesmo que seu entendimento acerca desses elementos tenha mudado com o tempo, assim como as pessoas que os protagonizam.

É possível, através da observação sobre as passagens escritas de 1942 até 1944, enxergar o crescimento de uma menina. Na passagem de 7 de março de 1944, ela diz que quando pensa na vida que tinha em 1942, tudo parece irreal. A Anne Frank que desfrutava

daquela realidade era completamente diferente daquela que ficou “ajuizada” dentro das paredes do esconderijo.

À essa entrada, ela emenda reflexões sobre quem teria sido caso não tivesse ido ao Anexo — Anne dizia que era uma menina extremamente admirada pelos meninos de sua idade, e sua amizade era muito desejada pelas colegas de classe. Ela se questiona se toda essa admiração não poderia prejudicá-la de alguma maneira. “Foi bom que, no auge de minha glória, eu tivesse sido jogada de repente na realidade” (FRANK, 2014, p.258)

Há idas e vindas no pensamento de Anne Frank. Ao mesmo tempo que acreditava não estar vivendo como uma “pessoa normal”, dizia ter sido jogada na realidade. A autora logo elucida essa contradição. “Vejo aquela Anne Frank (do passado) como uma garota agradável, divertida, mas superficial, que não tem nada a ver comigo.” Ou seja, Anne considerava ter encontrado a realidade de seu Eu. Vale destacar aqui a concepção de “eu” do filósofo e psicólogo norte-americano William James, apresentada em “Princípios de Psicologia” (1890), capítulo 10, “A consciência do eu” — trabalhado, aqui, a partir de Frederico Dentello (2009). Segundo o artigo, para James o eu é dividido em *eu empírico (material, social e espiritual)* e *ego puro*. As duas categorias serão de utilidade para a análise.

2. A relação de Anne com seu corpo, casa e objetos

O "eu material" corresponde à parcela física do indivíduo. Em “O Diário de Anne Frank”, a análise recai sobre a relação da menina com seu corpo, sua casa e objetos pessoais (DENTELLO, 2009). Na obra, vemos uma menina passando pelo período da puberdade, quando ocorrem mudanças tanto físicas quanto mentais. Em pessoas do sexo feminino, é onde se dá a primeira menarca, ou menstruação.

“Quase me esqueço de mencionar a notícia importante de que provavelmente minhas regras vão vir logo [...] É um acontecimento tão importante!”(odaf). E, realmente, é um marco na vida de mulheres quando “viram mocinhas”. Diante da sociedade, crescem, transicionando de menina para mulher. “Para essas mulheres a menstruação significou uma nova leitura de seus corpos, bem como a construção de um novo senso de si mesmas à medida que adotavam um novo comportamento.” (BATISTA, Mércia Rejane Rangel; MOREIRA, Virgínia Palmeira, 2016)

Anne sempre se mostrou ávida por crescer, ser levada a sério, colocar em prática seus sonhos. A menstruação significava um importante passo inicial para ela, que demonstrava muita propriedade, quase que orgulhosa, ao falar sobre questões relacionadas a sexo e ao seu

próprio corpo, indo contra muitos tabus então predominantes. “... eu achava que a urina saia pelo clitóris. Um dia, perguntei à mamãe o que era aquela protuberância, e ela disse que não sabia. Ela realmente gosta de bancar a imbecil quando lhe convém”

A curiosidade e conhecimento que Anne Frank demonstrava sobre seu próprio corpo era uma expressão incomum para meninas da época. Na entrada de 24 de março de 1944, Anne descreve com detalhes o que sabe e vê sobre seus “órgãos genitais, ou como quer que se chamem”, ela diz. Mesmo tendo esse conhecimento próprio, há questões para as quais ela não tinha os conceitos necessários à obtenção de respostas, e nem alguém para elucidá-la sobre o tópico. “Se as mães não contam tudo aos filhos, eles ficam sabendo aos pedaços, e isso não pode ser certo.”(FRANK, 2014, p.276). É como se, tendo propriedade sobre seu corpo, Anne se sentisse mais em sua pele, mais presente.

A autora foi, ao longo dos dois anos em que passou escondida, mostrando ao seu diário e ao leitor como Anne Frank cresceu. Lia livros que a faziam entender mais sobre sexo, gênero e ela própria como mulher; praticava atividades que a faziam pensar sobre o que queria de sua vida profissional, olhava pela janela e questionava se valorizava tanto a natureza apenas porque não podia mais senti-la.

Mas o universo material de Anne, além de proporcionar entendimentos e reflexões sobre seu eu, também ofereciam esclarecimentos sobre o que acontecia fora do Anexo: guerra. No diário há passagens sobre as horas em que todos se reuniam em volta do rádio e ouviam as últimas notícias. Por mais que Anne declare não gostar de abordar tópicos sobre política, o interesse em entender o seu agora parecia vencer e fazê-la escrever sobre.

O rádio funcionava tal qual um contato palpável com o exterior, quem sabe, ouvi-lo trazia uma sensação similar a um controle; não se podia controlar o que acontecia, mas era possível escolher entre saber ou não sobre como a guerra se desenrolava. É notável em “O Diário de Anne Frank” a influência da mídia na Segunda Guerra Mundial. Os membros do Anexo faziam suposições sobre sua liberdade, planejavam o futuro, davam a guerra como longe de acabar ou perto do término se baseando nas transmissões da Rádio Oranje - noticiário holandês da BBC transmitido de Londres. Anne chegou a dizer que as pessoas traziam notícias que acabavam sendo inverídicas, mas “o rádio nunca mentiu”, afirmou ela, mas em 15 de julho de 1943, Anne conta que no próximo mês terão de entregar seu aparelho de rádio para as autoridades, um grande Philips que foi substituído por um pequeno aparelho clandestino.

Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda na Alemanha Nazista entre 1933 e 1945, também mantinha diários. Em uma passagem de maio de 1943, Goebbels fala sobre como os

ingleses estavam cantando vitória sobre a provável tomada do norte da África, o que culminaria na derrota alemã, o Ministro da Propaganda admite que a experiência teria sido uma espécie de “segundo Stalingrado” (GOEBBELS, 1948, p.359) e que a propaganda britânica nos países baixos foi um fator decisivo sobre o evento. Assim, o motivo pelo qual os holandeses, o Anexo incluído, tiveram de entregar seus rádios é explicado.

“Foi-me colocada a questão de saber se os aparelhos de rádio na Holanda deveriam ser apreendidos. Sem dúvida, a propaganda britânica na Holanda foi um fator decisivo na greve recente. Por isso, sou a favor de retirar os aparelhos de rádio dos holandeses o mais rápido possível. De qualquer forma, podemos fazer bom uso deles em nossas áreas de ataque aéreo.”(GOEBBELS, 1948, p.360)

E, por fim, há a relação de Anne Frank com o próprio Anexo. Logo de início, ela demonstra sentimentos conflitantes em relação ao confinamento. Ao mesmo tempo que ele protege, aprisiona. Anne demonstra ao longo de todas as páginas, gratidão por não ser uma das pessoas sobre quem ouve as histórias: foram levados, estão morrendo, passando fome etc. Contudo, olhando pela janela que dá para o mundo externo, a menina se sente cada vez mais longe da realidade, mesmo estando a um palmo dela. Aos poucos, porém, ela reconhece que aquela é a sua realidade, o seu normal. Aquelas paredes são sinônimo de proteção, já o perigo do qual elas guardam os membros do Anexo, passa para Anne apenas uma mensagem: injustiça.

3. A relação de Anne com os membros do Anexo

O "eu social" de James representa o reconhecimento que um indivíduo obtém do outro (DENTELLO, 2009). A identidade do ser gira em torno das opiniões favoráveis e desfavoráveis que são a ele dirigidas por terceiros. Conseqüentemente, não há apenas um eu social, mas vários. Os indivíduos agem de maneira diferente com a família do que com amigos, por exemplo.

Já o "eu espiritual" corresponde àquele em que o indivíduo se reconhece, assim como reconhece suas disposições psíquicas. Para James eles são a parte mais íntima do eu e a que nós mais verdadeiramente parecemos ser. O eu espiritual possui caráter reflexivo do ser sobre si mesmo, deixando de lado o externo, onde o outros habitam, onde o eu social habita. Aqui, a pessoa se vê como um ser separado dos demais seres, estando consciente acerca do que a rodeia e consciente sobre sua própria consciência. Entenderemos mais o eu espiritual de Anne ao longo do artigo.

No âmbito social, o caso de Anne abarca seu núcleo familiar, composto por mãe, pai e irmã, e também estão presentes os outros colegas de esconderijo nesta equação; o sr. e a sra. van Daan e seu filho, Peter, e o sr. Dussel. O foco desta pesquisa não abraça cada um destes outros personagens em particular, apenas seu impacto na vida de Anne Frank. Então, de 1942 até 1944, há sete pessoas que precisam ser consideradas como peças importantes na construção do eu da autora, visto que moravam sob o mesmo teto e conviviam quase que “24/7”.

Aqui entramos em uma parte importante no desenvolvimento da diarista. Anne era amplamente afetada por todos que a cercavam. Segundo seus relatos, era constantemente atordoada por censuras feitas por terceiros, pela falta de identificação com sua mãe e irmã, pela falta do carinho que queria do pai.

Quando falo, todo mundo acha que estou querendo aparecer, que sou ridícula quando fico quieta, insolente quando respondo, inteligente quando tenho uma boa ideia, preguiçosa quando estou cansada, egoísta quando como um pouquinho mais do que deveria, imbecil, covarde, calculista e outros adjetivos. O dia inteiro só ouço dizerem como sou uma criança irritante, e, apesar de rir e fingir que não me importo, eu me importo, sim. (pg.112)

Essa passagem foi escrita em 1943. Pode parecer um desabafo inflamado pela “crise da adolescência”, quando parece que o mundo nos persegue. Mas Anne falou sobre a questão durante todo o seu diário, por vezes com mais braveza, por horas mais acostumada, em alguns momentos reconhecendo suas falhas e em outros identificando injustiça nos julgamentos. A comunicação entre Anne e essas críticas pode também ser identificada como um tipo de debate interno entre a pessoa que ela sabia ser (o eu espiritual) e àquela que via sendo criticada (o eu social); mais à frente o tópico será abordado.

Mas, de todos no Anexo, a relação que parecia afetar Anne mais negativamente era a com sua mãe. Quando olhava para ela, Anne enxergava um modelo que não queria seguir, e a conexão entre elas era pautada por divergências. No início do diário pode-se pensar que o fato era apenas uma consequência da adolescência, mas ao longo do livro fica muito clara a distância entre mãe e filha. Ao longo do Diário, Anne Frank diz que os conflitos com a progenitora se davam devido às diferenças entre elas.

É possível supor que essa comunicação turbulenta entre a menina e a mãe pode ser uma das razões pela necessidade incessante que Anne Frank sempre teve de pessoas em quem podia confiar, pois sentia uma falta de segurança em um dos pilares mais importantes da

existência de uma pessoa, sua mãe. Entretanto, com o passar do tempo é possível observar que a autora se sente muito distante de seu núcleo familiar inteiro, não mais apenas de sua mãe. Comenta ter se afastado de seu pai, assim como fala sobre não se identificar com sua irmã, Margot. Muito pode se encaixar na questão de conflito geracional e na identificação de Anne como mulher.

Anne Frank se identificava como mulher, então é natural que estivesse muito atenta às mulheres que a cercavam, pensando, quem sabe, que deveriam ser um modelo. Mas ao observá-las a diarista mostrava o contrário da determinação de um modelo a seguir, expressava a ideia de que ao observar sua mãe, sua irmã e a sra. van Daan, via quem não queria se tornar.

“Não consigo me imaginar vivendo como mamãe, a Sra. van Daan e todas as mulheres que fazem seu trabalho e depois são esquecidas. Preciso ter alguma coisa além de um marido e de filhos aos quais me dedicar!” (FRANK, 2014, p. 306)

É possível que por esse motivo Anne tivesse também uma certa dificuldade de se identificar com a irmã. Quando falava para Kitty de sua mãe, contava não poder compartilhar seus pensamentos com Margot, pois ela nunca entenderia, segundo Frank ela era “fraca e muito passiva”, enquanto ela queria “ter mais brio”. Anne enxergava muito das mulheres adultas no Anexo em sua irmã, para quem possivelmente via um futuro similar ao de sua mãe, que era mais próxima de Margot enquanto Anne era mais próxima de seu pai. Isso agiu sobre como Anne Frank se via como mulher. Quem lê “O Diário de Anne Frank” no século XXI pode supor que Anne seria feminista e ativista pelos direitos das mulheres e pela igualdade de gênero:

“Uma das muitas perguntas que me incomodam é por que as mulheres eram vistas, e ainda são, como inferiores aos homens. É fácil dizer que isso é injusto, mas não basta; realmente gostaria de saber o motivo desta grande injustiça!” (FRANK, 2014, p. 384)

Essa passagem escrita por Anne em 1944 é evidência de uma mente racional observando de maneira muito diferente das outras mulheres de seu convívio o que o contexto da época comunicava. Não presumindo que essas outras figuras femininas não enxergassem os mesmos problemas que Anne, mas como a análise é baseada apenas nas palavras da diarista, não se pode supor que as outras mulheres no Anexo pensavam da mesma maneira. O resultado desta equação de sensações descritas é o que o leitor consome quando abre as páginas de “O Diário de Anne Frank”, ou seja, a própria Anne Frank, que se construiu a partir da reflexão, olhando para dentro e se vendo como um ser particular, mas afetado por como era visto pelo mundo

4. Anne Frank segundo Anne Frank: o ego puro

Aqui o indivíduo enxerga a si mesmo em todos os seus diferentes “eus”, com um senso de identidade pessoal. A última passagem que Anne escreveu em seu diário foi em primeiro de agosto de 1944. Ela não sabia que seria a última, mas para quem lê a obra, já sabendo qual será o futuro da autora, soa como um ótimo final. É nesta carta que Anne Frank explica quem é Anne Frank; “sou partida em duas”.

Um lado seu contém a exuberância, petulância, alegria e apreciação do lado mais leve da vida, sem levar a sério coisas que podem ser entendidas como brincadeiras. “Esse meu lado costuma ficar à espreita para emboscar o outro, que é mais puro, mais profundo e melhor”- Anne ainda se coloca em terceira pessoa, evidenciando a sua crença sobre ser dividida em duas: “Ninguém conhece o lado melhor de Anne”.

Ou seja, aqui a diarista reconhece o seu eu social, aquele que aparece quando está entre outras pessoas e aquele visto e muitas vezes moldado por esses terceiros. Anne descreve esse lado que se mostra aos outros como “uma simples diversão, um interlúdio cômico, algo a ser logo esquecido”. Ela diz já ter tentado empurrar “essa Anne” para longe. A reflexão é válida: seria possível derrubar o eu social ou ele é intrínseco à convivência em sociedade?

Sobre o que a autora diz ser seu lado “mais bonito”, ela declara ter medo de que seja descoberto. “Tenho medo de zombarem de mim, de pensarem que sou ridícula e sentimental, e de não me levarem a sério. Estou acostumada a não ser levada a sério, mas somente a Anne leviana consegue lidar com isso” (2014, p.403).

Ao ler o que ela conta em sua última carta, percebe-se que Frank enxerga os dois lados que diz ter como indivíduos independentes entre si e, mais importante, da diarista que nos fala e da destinatária das cartas, que não deixa de ser ela mesma. Para o leitor, é possível ver quatro Annes. Então, segundo a diarista, quando a “Anne boa” aparece, nunca se comunica com outras pessoas e ao se pronunciar “se fecha como um marisco” e “deixa a Anne número um dizer o texto”. “Antes que eu perceba, ela desapareceu” é a evidência de que a autora realmente se vê fragmentada, cada fragmento com vida própria e sem comunicação entre si, quando uma existe, outra não pode coexistir. “Assim, a Anne boa nunca é vista acompanhada”, ela afirma que apenas assume o palco quando a Anne diarista está sozinha.

Em outras palavras Anne Frank explica um dilema da sociedade do século XXI, o “eu” fragmentado: “[...] penso em mim como uma pessoa feliz por dentro, e os outros pensam

que sou feliz por fora.” Ou seja, ela parece pensar que caso sua essência fosse o eu social, ela não seria feliz por dentro, e caso fosse o seu eu espiritual, não seria feliz por fora. Anne enxerga suas “eus” como seres opostos. Enquanto uma gargalha e finge que não liga para as desavenças, a outra reage de modo completamente diferente.

“Veja só, foi nisso que você se transformou. Está rodeada por opiniões negativas, olhares desanimados e rostos zombeteiros [...] e tudo porque não escuta o conselho de sua metade melhor”. Anne Frank vive em um conflito em relação à falta de diálogo entre suas partes.

“[...]tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se... não houvesse mais ninguém no mundo”, é a última frase de “O Diário de Anne Frank”. A vontade de saber qual seria a continuação desta reflexão tão complexa, tão atual e humana é grande.

Conclusão

Neste artigo, a obra “O Diário de Anne Frank” foi analisada a partir de um olhar acerca dos dispositivos comunicacionais que aparecem no livro. A obra demonstrou ser um universo comunicacional complexo, que envolve passado, presente, futuro e todos os sujeitos, relações e circunstâncias inclusas. A partir da leitura do diário da adolescente judia vivendo na Segunda Guerra Mundial e de artigos e obras que complementam a análise, a história dentro das páginas se mostrou viva mesmo após setenta e três anos de sua primeira publicação e setenta e cinco anos após morte de sua autora.

Pôde-se observar e abrir caminhos para hipotetizar que “O Diário de Anne Frank” é casa para os “eus” de Anne Frank, suas facetas, camadas ou versões, mas não apenas isso, foi possível entender que o significado do objeto “diário” é muito maior do que o imaginado.

Durante e após a análise também ficou evidenciado o quanto a comunicação que um sujeito estabelece com os indivíduos que o rodeiam e contexto em que está inserido, faz a comunicação interna, do eu para o eu, e a externa, do eu para o mundo, estarem totalmente sujeitas a mudanças, uma vez que, de certo modo, observa-se que o eu de Anne Frank se mostrava vulnerável às circunstâncias à sua volta.

Se “O Diário de Anne Frank” é um retrato fiel de quem foi Anne Frank, não é possível concluir, mas esta pesquisa abre caminhos para que mais estudos sobre o tópico possam ser feitos, assim como sobre os vários “eus” que habitam um indivíduo e sobra importância de um diários, seja ele de qualquer formato. Como documentar nossas vidas pode afetá-las? Também seria interessante olhar mais a fundo a relevância do rádio e outros veículos de notícias na vida daqueles que se escondem de guerras e conflitos.

Referências

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel; MOREIRA, Virgínia Palmeira. “PRONTO, AGORA JÁ SOU MOÇA”: Símbolos e significados que marcam o corpo menstruado. **Nome da revista**, v. 29 n. 2 (2016), p.41. <Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/35688>>. Acesso em: 13 de setembro de 2020.

BERGER, Joseph. Recalling Anne Frank, as Icon and Human Being. **The New York Times**, 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/11/05/nyregion/recalling-anne-frank-as-icon-and-human-being.html> >. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/14813/mod_resource/content/2/BLANCHOT%20Maurice.%20O%20livro%20por%20vir.pdf >. Acesso em: 02 de setembro de 2020.

DENTELLO, Frederico. **Análise do conceito de eu em James e Skinner**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009 (Tese de Doutorado). Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-30112009-155650/publico/DentelloAnali%20seconceito.pdf> >. Acesso em: 06 de outubro de 2020.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank**. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GIES, Miep; GOLD, Leslie Alison. **Recordando Anne Frank**. São Paulo: Gutenberg, 2017.

GOEBBELS, Joseph. **The Goebbels Diaries**. New York: Doubleday & Company, Inc., 1948. Disponível em: <https://archive.org/stream/goebbelsdiaries100loch?ref=ol#page/n7/mode/2up> >. Acesso em: 01 de outubro de 2020.

MORONI, Andréia. **A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank**. Trabalho apresentado no Intercom. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/149730910212049968010272625200068578576.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

PROSE, Francine. **Anne Frank: a história do Diário que comoveu o mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SOUZA, Débora de Hollanda; VELLUDO, Natália Benincasa. **A Criação de Amigos Imaginários: Uma Revisão de Literatura**. Psico.Porto Alegre, v.46, n.1, p.25-37, jan-mar. 2015. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5632964>>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

A disseminação da informação jornalística nazista. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/writing-the-news>> Acesso em: 01 de outubro de 2020.